



Algofobia e a democracia paliativa atual

*Francisco Jadson Silva Maia**

*Luzia Cristina Lopes Almeida***

Resumo: Este trabalho é uma resenha crítica da obra *Sociedade paliativa: a dor hoje* do filósofo Byung-Chul Han, publicada no Brasil em 2021. O livro argumenta que predomina na sociedade contemporânea a algofobia, aversão à dor. A crescente intolerância ao sofrimento instaura no sujeito um estado quase absoluto de anestesia, que acaba cercando diferentes âmbitos da vida coletiva, do que se denomina de espaço público e de cidadania. Essa tentativa de livrar-se do sofrimento completamente configura a ascensão da democracia paliativa e das *fake news*, o triunfo da arte e da cultura subordinadas ao *like* das mídias sociais e a psicologia positiva que sustenta o sujeito do desempenho neoliberal.

Palavras-chave: Byung-Chul Han; Sociedade Paliativa; Sociedade da Positividade; Dor; Subjetividade.

Algophobia and the current palliative democracy

Abstract: This work is a critical review of the book *The palliative society: pain today* by philosopher Byung-Chul Han, published in Brazil in 2021. The book argues that algophobia, aversion to pain, predominates in contemporary society. The growing intolerance to suffering establishes in the subject an almost absolute

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenador em Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: fjadsommaia@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0792093393169076>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>.

** Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: cristinaalmeida@ufrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2864329558610177>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7787-6471>.

state of anesthesia that ends up surrounding different areas of collective life, of what is called public space and citizenship. This attempt to get rid of suffering completely configures the rise of palliative democracy and fake news, the triumph of art and culture subordinated to the like of social media and the positive psychology that supports the subject of neoliberal performance.

Keywords: Byung-Chul Han; Palliative Society; Society of Positivity; Pain; Subjectivity.

Algofobia y democracia paliativa actual

Resumen: Este trabajo es una revisión crítica del libro *Sociedad paliativa: el dolor hoy* del filósofo Byung-Chul Han, publicado en Brasil en 2021. El libro argumenta que la algofobia, la aversión al dolor, predomina en la sociedad contemporánea. La creciente intolerancia al sufrimiento insta en el sujeto un estado de anestesia casi absoluto que termina por envolver diferentes ámbitos de la vida colectiva, de lo que se denomina espacio público y ciudadanía. Este intento de acabar con el sufrimiento configura por completo el auge de la democracia paliativa y las fake news, el triunfo del arte y la cultura subordinados a las redes sociales y la psicología positiva que sustenta el sujeto de la actuación neoliberal.

Palabras clave: Byung-Chul Han; Sociedad Paliativa; Sociedad de Positividad; Dolor; Subjetividad.

Byung-Chul Han é filósofo e ensaísta radicado na Alemanha. É autor dos livros *Psicopolítica* (2018) e *Infocracia* (2022) que abordam as transformações radicais das paisagens social, econômica e tecnológica na contemporaneidade. *Sociedade paliativa* (2021) apresenta onze capítulos: "Algofobia", "Coação à felicidade", "Sobrevivência", "Ausência da dor", "Astúcia da dor", "A dor como verdade", "Poética da dor", "Dialética da dor", "Ontologia da dor", "Ética da dor" e "O último ser humano". O argumento central da obra aponta a predominância da algofobia, aversão à dor e ao sofrimento, na sociedade atual. Assim, a sociedade paliativa é "uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de

negatividade. A dor é negatividade pura e simplesmente” (Han, 2021, p. 11). O autor entende por “negatividade” todo alguém ou aquilo que é outro, distinto, que difere e é percebido como alteridade. A “positividade”, ao contrário, seria o igual, a mera repetição, o que atua a favor da homogeneidade e da conformidade.

Levando em consideração obras recentes do autor acerca do impacto social e político da comunicação digital, como *A expulsão do outro* (2022), é importante destacar que a negatividade não representa uma categoria apenas referente "ao outro", mas também diz respeito às formas de violência e negação explícitas, características fundantes da sociedade disciplinar analisada por Foucault. O que para o filósofo confirma a sua tese de que hoje vivemos em outro arranjo social, a que ele dá o nome de sociedade da positividade, expressa na lógica estruturante das mídias sociais, que forja verdadeiras câmaras de eco pela mediação algorítmica, intensificando a chegada do conteúdo a partir das preferências do usuário, em que o *like* ou o "curtir" retroalimenta esse processo.

A crescente rejeição à dor instaura um estado de anestesia quase absoluto que acaba cercando diferentes âmbitos da vida coletiva, do que se denomina de espaço público e da cidadania. As dinâmicas impostas pela sociedade paliativa são recolhidas e pontuadas ao longo do livro. Como exemplo inicial temos a atividade política, em que, sem o devido espaço para a participação social na tomada de decisões, visões e reformas significativas deixam de ser possíveis e, assim, a democracia liberal assume um caráter paliativo. Na democracia paliativa, as saídas prescritas funcionam como “analgésicos de curto efeito, que apenas postergam problemas e disfunções” (Han, 2021, p. 11). Do mesmo modo, as mídias sociais forjam uma cultura da curtição e são ambientes de proliferação e consolidação da positividade. O *design* da interface, textos e imagens editadas vão gradualmente homogeneizando os gostos e opiniões, constituindo “bolhas”. O *like* é escolhido como o signo cabal desta cultura, destinado a reforçar as crenças e opiniões.

A arte, neste contexto, também não escapa ao “paliativo”. Abandonando a dor e estranheza de sua experiência, ela renuncia a sua negatividade constitutiva, de perturbar e desconcertar os observadores. Ao trabalhar unicamente sob as métricas do mercado, a arte torna-se meramente instagramável, “livre de ângulos e cantos, de conflitos e contradições que

poderiam provocar dor” (Han, 2021, p. 14). Todavia, o comentário feito pelo autor a respeito do trabalho artístico de Ai Weiwei como apenas apropriado ao "curtir" é um tanto impreciso. Apesar de convidar ao ato de compartilhar nas redes sociais digitais, o conjunto de sua obra denuncia os arbútrios do regime chinês contra artistas e também o cinismo europeu sobre os refugiados. As obras, portanto, impõem negatividade, apresentando as diversas formas de sofrimento humano. Contudo, o filósofo repara seu argumento apontando as esculturas divertidas de Jeff Koons, de superfície lisa, brilhante e metalizada, como a expressão mais bem-acabada da condição da arte na sociedade da positividade.

Esses elementos indicam que estamos em meio à uma mudança na maneira como nos relacionamos com a dor e a tristeza. Retomando a reflexão de *Sociedade do cansaço* (2015), Han distingue a sociedade pré-moderna do martírio, que produzia o corpo martirizado com punições que o marcavam dolorosamente, para a sociedade disciplinar, que introduz dores mais discretas a sujeitos obedientes e adequados ao trabalho industrial. A passagem para a sociedade paliativa se dá quando a técnica disciplinar, de *coerção externa* de mandatos e proibições, perde força e as positivities ganham espaço, tais como a motivação, auto-otimização e autorrealização. Ao invés do corpo martirizado ou disciplinado, que resguardava em maior ou menor intensidade relação com o sofrimento, o corpo da sociedade paliativa é hedonista, que não só recusa a dor, mas que vê nela um sinal de fraqueza. Han (2021, p. 13) conclui “a sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho” neoliberal, uma vez que dor e desempenho são opostos.

Devemos entender que o paliativo é mais uma camada da sociedade do cansaço, a cada novo título, o autor vai desdobrando a sua tese, focando em temas específicos. O imperativo de *ser feliz* recai sobre o sujeito como uma técnica de poder *smart*. Como já mencionado, diferentemente do poder disciplinar que atua pelo impedimento, uso da força e repressão, ela baseia-se na permissividade e no entretenimento para alcançar mais eficácia. As mídias sociais são o laboratório desse novo paradigma de poder, operando sem a necessidade de impor qualquer dor para conseguir ganhos e

resultados. Elas estimulam os indivíduos à diversão, enquanto escrutinam seus dados para vigilância e comercialização.

Se a dor não pode ser mais compartilhada, é porque ela foi individualizada e privatizada pela presente autoção à felicidade articulada pela lógica do desempenho do neoliberalismo. Neste contexto, o medo e as incertezas devem ser assuntos de foro íntimo. Fato que impede que qualquer revolução venha à tona, pois toda insurgência depende da dor sentida em comum. Neste sentido, a depressão solapa a revolução. A dor, desse modo, é despolitizada, separada totalmente de suas condições concretas, de origem socioeconômica e deve ser prontamente farmacologizada e medicalizada. Portanto, “analgésicos, prescritos em massa, ocultam relações sociais que levam à dor. [...] (Eles) impedem que ela se torne fala, sim, crítica” (Han, 2021, p. 29). O contexto de dessolidarização entre as pessoas se dá à medida que a dimensão coletiva do sofrimento humano desaparece.

Não à toa, o filósofo diz que a boa vida se curva à luta pela sobrevivência no contexto da pandemia de coronavírus. Ele provoca sobre a limitação dos direitos fundamentais durante esse período, representada pelas medidas de prevenção e controle, como *lockdown*, e critica a aceitação delas pela população. Mesmo que a perspectiva seja destacar como a pandemia generalizou a vida nua, nos termos de Agamben, o número de mortes devido à doença no Brasil, segundo país com maior contingente, atrás apenas dos Estados Unidos, atesta como a defesa da suposta preservação das liberdades individuais exige cautela, pois pode munir de legitimidade o ativismo antivacina e negacionismos diversos, que travaram embate acerca das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para frear o contágio e as mortes. Apesar da algofobia imperar na sociedade paliativa, a dor simplesmente não desaparece por completo. Essa é a astúcia da dor, denominação emprestada por Jünger. Mesmo com todos os artifícios disponíveis de anestesia da realidade, que incluem a psicologia positiva e a medicina, mas também as *fakenews* e *deepfake*, a dor atua por gotejamento, preenchendo a vida do sujeito do desempenho. A emergência da pandemia provou que mesmo aqueles que se julgavam seguros, devem, na verdade, perceber que a vulnerabilidade é intrínseca à existência.

Em última análise, *Sociedade paliativa* adverte-nos como a dor cumpre um papel fundamental na sociedade e dá sentido às dores físicas e mentais silenciosas, ou melhor, silenciadas do nosso tempo. Dores crônicas, dores psicogênicas e automutilações ou “fendas” são interpretadas como efeitos colaterais de uma sociedade do desempenho que gostaria de viver inteiramente livre da angústia. O sofrimento, por outro lado, possibilita a purificação, a catarse e o amadurecimento do sujeito. A dor quando contada elabora a crítica e resgata a imaginação política coletiva. Com a dor tornada comum um novo futuro pode ser possível, mesmo numa época pobre de experimentações políticas, na qual a *realpolitik* e a ideologia neoliberal permeiam a democracia. Como conclui Han “a dor [...] é uma parteira do novo, uma parteira do inteiramente novo” (2021, p. 73). É preciso desanestesiá-lo o corpo social da apatia para os múltiplos desafios que se apresentam, especialmente sobre o aprofundamento das desigualdades sociais pela crise sanitária global. A criação de um horizonte social, solidário, diverso e empático, passa necessariamente pela restauração da dimensão coletiva da dor. Muito embora, como as linhas acima demonstram, Han parece comedido e não vê evidências de que isso possa acontecer no presente.

Referências

- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2022.

Data de registro: 01/03/2023

Data de aceite: 18/10/2023